

Ana Margarida da Silva Torres

**Representação das pessoas
com deficiência e
incapacidade nos media**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
MESTRE EM EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ESPECIALIZAÇÃO
EM MULTIDEFICIÊNCIA E PROBLEMAS DE COGNIÇÃO

Orientação

Prof.^a Doutora Mónica Silveira Maia

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Doutora Mónica Silveira Maia, pelo interesse na temática proposta, pela disponibilidade dedicada, partilha de conhecimentos, incentivo e pelos incessantes reforços positivos, que me impulsionaram na constante responsabilidade de corresponder ao expectável, melhorar o trabalho, e me ajudaram a crescer e enriquecer, não só a nível profissional, mas também pessoal.

À Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, em especial ao corpo docente do Mestrado em Educação Especial: Multideficiência e Problemas de Cognição, por me ajudarem a crescer e enriquecer a nível profissional e pessoal.

À Dr^a Fernanda pelo apoio e incentivo em concretizar este trabalho.

Aos meus amigos pelo apoio e amizade.

Aos meus pais pelo apoio incondicional, carinho e compreensão em todos os momentos.

Deixo ainda um sincero agradecimento a todos os que contribuíram para a realização deste estudo e que não foram excecionalmente mencionados.

A todos, muito obrigada!

RESUMO

Partindo da evidência de que os mass media têm influência determinante no estabelecimento de comportamentos/ atitudes coadunantes com uma sociedade inclusiva, o nosso estudo pretende explorar de que modo as pessoas com deficiência e incapacidade são retratadas na produção cinematográfica dos últimos 10 anos, aferindo especificamente: (a) como é retratada a sua vivência em termos de contextos, domínios de atividade e participação e condições ambientais envolventes; (b) que comportamentos e atitudes são retratados ao nível do próprio e dos outros face à deficiência e incapacidade e (c) qual a relevância da circunstância da deficiência e incapacidade nas narrativas. Adotou-se uma estratégia de investigação predominantemente qualitativa, concretizada através de uma análise fílmica factual e interpretativa. Foram examinados 19 filmes, que incluíam na sua sinopse uma abordagem ao tema da deficiência e incapacidade. Para a análise, recorreu-se a uma grelha de observação, onde - para além de aspetos caracterizadores dos filmes (e.g., ano, género) e das personagens (tipo de incapacidade, faixa etária, estado civil) - se considerou: o registo de contextos, atividades e participação bem como fatores ambientais representados – tendo por referência a taxonomia da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (OMS, 2001; 2007); e uma análise interpretativa onde se procedeu a um registo qualitativo das atitudes do próprio e dos outros face à incapacidade bem como a uma categorização da relevância do status de incapacidade em central (assunto dominante); relevante (alguma importância pois outros assuntos são também abordados); incidental (não é um assunto fulcral). A partir da análise de aspetos contextuais e de participação das personagens representadas, os resultados no nosso estudo parecem coadunar-se com indicadores de uma sociedade inclusiva como é a aparição destas personagens predominantemente em contextos social-comunitário, o envolvimento em situações de interação e em grandes áreas de vida como é a vida profissional. O retrato que se faz do contexto é predominantemente facilitador sobretudo no que se refere às atitudes e comportamentos de apoio manifestadas pelas restantes personagens. Prevaleceu, contudo, uma atitude face à incapacidade dominada pelo ressentimento, revolta e insegurança do próprio e uma ainda emergente representação de uma participação na vida cívica e social cuja abrangência se assemelhe àquela vivenciada pelas personagens sem incapacidade.

Palavras-chave: *mass media; cinema; diversidade; inclusão; deficiência e incapacidade*

ABSTRACT

Based on the evidence that the mass media are influential on the establishment of behaviors / attitudes that are consistent with an inclusive society, our study intends to explore how people with disabilities are portrayed in film production in the last 10 years, specifically: (A) how their experience is portrayed in terms of contexts, domains of activity and participation and surrounding environmental conditions; (B) what behaviors and attitudes are portrayed at the level of oneself and others in the face of disability and incapacity, and (c) what is the relevance of the circumstance of disability and incapacity in narratives. A mostly qualitative research strategy was adopted, based on a factual and interpretative film analysis. 19 films were examined, which included in their synopsis an approach to the topic of disability and incapability. For the analysis it was used an observation grid, where - in addition to characterizing aspects of the films (eg. year, gender) and the characters (type of disability, age group, marital status), contextual registration, activities and participation as well as environmental factors represented - with reference to the taxonomy of the International Classification of Functioning, Disability and Health (CIF, 2001; 2007); and an interpretive analysis where a qualitative record of the attitudes of the own and of the others related to the incapacity as well as to the categorization of the relevance of the incapacity status in central (dominant subject) was carried out: relevant (some importance as other issues are also addressed); Incidental (not a core issue). Based on the analysis of contextual aspects and the participation of the characters represented, the results in our study seem to be consistent with indicators of an inclusive society such as the appearance of these characters predominantly in social-community contexts, involvement in situations of interaction and in large areas of life such as professional life. The picture taken from the context is predominantly facilitative, especially with regard to the attitudes and behaviors of support manifested by the other characters. However, an attitude towards the incapacity dominated by resentment, revolt and self-insecurity overcame; and a still emerging representation of a participation in civic and social life whose scope resembles that experienced by the characters without disability.

Keywords: *mass media; cinema; diversity; inclusion; Disability and incapacity*

ÍNDICE

Agradecimentos	i
Resumo	ii
Abstract	iii
Introdução	1
Parte A - Enquadramento Teórico-Conceptual	3
1. Diversidade dos media	3
1.1. Diversidade Cultural	3
1.2. A televisão	4
1.2.1 Programação televisiva e as minorias	5
2. Incapacidade nos media	8
Parte B - Estudo Empírico	11
1. Método	13
1.1. Amostra	13
1.2. Instrumentos de Recolha de Dados	13
1.3. Análise de Dados	15
1.4. Procedimentos	15
2. Resultados	16
3. Discussão	27
Conclusão	33
Bibliografia	34
	35
Anexos	
Anexo 1. Filmes pesquisados que abordam o tema “ Deficiência e incapacidade” entre 2006- 2016	
Anexo 2. Grelha de Observação	

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Tipos de personagem, incapacidades& diagnósticos médicos, faixas etárias, classes sociais e estados civis registados durante a visualização dos filmes. 18

Tabela 2. Contextos de vida, e indicadores (tendo por referência a taxonomia da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde a observação) registados durante a visualização dos filmes. 23

INTRODUÇÃO

Ocupando parte substancial do quotidiano, os mass media constituem um dos elementos centrais na socialização, podendo-se mesmo definir como: uma “janela para o mundo”, onde podemos aceder a vidas, experiências e informações que vão além do nosso contexto imediato (Rideout, 2011; Asamen 1993). Vocacionados para informar, educar e entreter, os mass media contribuem, assim, para os processos de produção e construção, de reprodução e reconstrução e de representação social da realidade e da cultura (Bento, 2010). A televisão é o media mais influente, tendo maior impacto a nível percetual e, por isso, maior peso no modo como a sociedade se posiciona perante determinadas temáticas (Gerbner, Morgan, Gross, Signorielli, & Shanahan, 2002).

Pela influência que tem sob os comportamentos/ atitudes da sociedade, tem estado sobre o escrutínio: a representatividade das minorias nos programas televisivos. De facto, é hoje inegável o papel da televisão no conhecimento e compreensão da experiência de outras vidas com as quais, muitas vezes, não temos contacto direto (Evra, 2004). No caso da deficiência e incapacidade, a maneira como é representada, e especificamente o modo como os outros reagem a este tipo de diversidade, tem influência sobre os comportamentos e atitudes dos espectadores nos seus contextos reais de vida. Já em 1980, esta questão era estudada por Glauberman, onde através de um estudo experimental mostrou que num grupo de crianças expostas a um episódio da “Rua Sésamo” que retratava positivamente uma criança com incapacidades motoras, comparativamente a outro grupo que assistiu a um episódio onde essa personagem não aparecia, havia um aumento significativo de atitudes positivas face às pessoas com incapacidade por comparação ao grupo de controlo. Reiterando o papel da televisão na formação de atitudes, Horne (1988) mostrou também que as representações dos media poderiam ser usados em sala de aula para modificar as atitudes dos colegas perante pares com incapacidade. Estes dados colocaram em evidência a necessidade de analisar os mecanismos através dos quais a televisão poderá ter um papel mais frutífero no processo de inclusão das pessoas com deficiência e incapacidade, não prescindindo de uma primeira análise diagnóstica sobre o modo como este grupo minoritário tem sido retratado. A esse respeito, como documenta Barnes (1992), as primeiras representações da deficiência e incapacidade nos filmes eram essencialmente geradoras de desconforto na audiência, havendo uma caracterização predominantemente negativa. As personagens eram estereotipadas nas narrativas apresentadas e estavam associadas normalmente a ambientes de ameaça e suspense. O género “Horror” constituiu um género cinematográfico, onde personagens com incapacidades estiveram em destaque, com representações bastantes distorcidas/ bizarras da realidade (Norden, 1994; Bogdan, Biklen, Shapiro, & Spelkoman, 1982). A “Comédia” constituiu outro

género em que a deficiência e a incapacidade era frequentemente tratada. No que diz respeito a programas factuais, nomeadamente noticiários: os contextos a nível da saúde eram os que mais surgiam, nomeadamente os hospitais, sendo de destacar o uso de uma linguagem e terminologia tendencialmente desadequada e fomentadora da estigmatização (Barnes,1992). Outros estudos vão também colocando em evidência a reduzida representatividade desta minoria na programação televisiva, como é o caso do estudo de Cumberbatch e Negrine (1991) que revela uma percentagem quase nula de programas britânicos dirigidos a crianças que incluíssem uma personagem com deficiência e incapacidade. Mais recentemente, Hodkinson (2012) reforça esta mesma apreciação – colocando em destaque a limitada representação desta população nos media e sublinhando a abordagem biológica geralmente adotada. Este debate em torno dos conteúdos e efeitos dos media tem-se vindo a refletir na criação de conselhos que vão monitorizando a abordagem aos diferentes tipos de diversidade. Desde a década de 80 com o movimento sobre os direitos das pessoas com incapacidades, que se tornou central discutir e analisar a sub-representação cultural desta minoria nos mass media. Tornou-se, pois, imperativo que os mass media, ao retratarem o tema “incapacidades” o fizessem de uma forma refletida nomeadamente no que concerne à linguagem e terminologia usadas. Ainda hoje é foco de discussão de que modo este tema deve ser introduzido e abordado nos meios comunicação.

Assumindo pois que a televisão e em específico a produção cinematográfica pode moldar o modo de entender a deficiência e a incapacidade por parte da sociedade, o nosso estudo pretende explorar de que modo as pessoas com deficiência e incapacidade são retratadas na produção cinematográfica dos últimos 10 anos, aferindo especificamente: (a) como é retratada a sua vivência em termos de contextos, domínios de atividade e participação e condições ambientais envolventes; (b) que comportamentos e atitudes são retratados ao nível do próprio e dos outros face à deficiência e incapacidade; e (c) qual a relevância da circunstância da deficiência e incapacidade nas narrativas.

PARTE A - ENQUADRAMENTO TEÓRICO-CONCEPTUAL

1. DIVERSIDADE NOS MEDIA

1.1. DIVERSIDADE CULTURAL

Segundo a Convenção sobre a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais da UNESCO de 2005, a «diversidade cultural» refere-se à multiplicidade de formas pelas quais as culturas dos grupos e sociedades encontram a sua expressão. Tais expressões são transmitidas entre e dentro dos grupos e sociedades. A diversidade cultural manifesta-se não apenas nas diversas formas pelas quais se expressa, enriquece, transmite o património cultural da humanidade mediante a variedade das expressões culturais, mas também através dos diversos modos de criação, produção, difusão, distribuição e fruição das expressões culturais, quaisquer que sejam os meios e tecnologias empregados” (Convenção sobre a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais da UNESCO de 2005, p. 4).

O respeito e celebração da diferença constitui, pois, um direito humano que decorreu de um movimento político durante as décadas de 60 e 70 e que englobou a defesa da inclusão de minorias nomeadamente aquelas baseadas na etnia/ raças ou em características funcionais. Inscrita neste quadro de valores, a educação multicultural tem evoluído no sentido de incluir/englobar uma perspetiva crítica no processo de estigmatização de determinadas identidades sociais definidas por: raça, classes, sexualidade, etnicidade e incapacidade (Hurtado & Silva, 2008). Sob um plano desenvolvimental, a exposição e a educação para o multiculturalismo tem sido bastante debatida. De acordo com Henry A. Giroux (2003), uma análise crítica sobre a abordagem ao multiculturalismo é necessária de modo a aferir potenciais situações em que se excluí ou causa prejuízos a quem é oprimido. O multiculturalismo apela ao uso de uma educação formal e informal, incluindo os media, ensinando aos alunos temas relacionadas com a opressão, dominação e relações poderosas na sociedade. Por outro lado

é exigido o envolvimento dos pais no sentido de aumentar as identidades sociais a que os seus filhos estão expostos durante momentos importantes do seu desenvolvimento. Nos programas televisivos direcionados para crianças por exemplo, é praticamente inédito retratar crianças com uma consciência crítica acerca da opressão baseada no ato de pertencer a formações sociais estigmatizadas. Antes, para que houvesse uma educação multicultural, existe a necessidade de expor as crianças às problemáticas de diferentes grupos estigmatizados. Teóricos críticos multiculturais defendem, mesmo, que as crianças devem o quanto antes desenvolver uma consciência política.

Segundo Jean Cloutier (1975) os mass media - jornais; televisão; rádio; redes sociais - são meios privilegiados na divulgação e representatividade cultural, constituindo-se como sistemas de produção, e difusão de informação e mensagens políticas, ideológicas, comerciais, recreativas e culturais. Adorno (1994) afirma que os mass media interferem “no poder reflexivo” das pessoas, ou seja: influencia a forma de pensar da sociedade, em aspetos tais como: “significados da vida em relação à família, religião, educação e comportamento e disseminam modelos que podem fazer parte da construção social e identitária dos indivíduos”. (p. 346-354)

1.2. A TELEVISÃO

A partir dos anos 60, a televisão “adquiriu processos de operação adequados às suas tecnicidades enquanto meio e transformou-se num poderoso veículo de transmissão de conteúdo que é até hoje” (Jambeiro, 2002, p.53). Contudo, e como sublinha Bernardini (2015), não se deve considerar a televisão somente como um meio de comunicação utilizado para se informar. Segundo Shimp (2010), a televisão tem grandes vantagens comparativamente a outros meios, por usar mais que um sentido, promovendo a transmissão simultânea de mensagens auditivas e visuais. Acrescenta-se ainda que a televisão é o “reflexo da sociedade”, ou seja: são retratadas situações do quotidiano que “representam a sua própria realidade e a realidade de pessoas próximas” (Sifuentes, Vilela & Jeffman, 2012, p. 11-21).

Nos E.U.A a televisão é o meio de ocupação mais significativo na vida dos americanos. Stelter (2008) afirma que uma pessoa ocupa uma média de 5h por dia a ver televisão nomeadamente no chamado “horário nobre” – i.e., no período em que se regista maior número de espetadores, e onde programas televisivos procuram ir ao encontro dos interesses/gostos que potencialmente cobrirão a maioria da população. De facto, vários investigadores têm explorado a relação entre aspetos demográficos da população representada na televisão e as características demográficas dos espectadores (Shachar & Emerson, 2000; Cohen & Weimann, 2000; Hammermeister, Brock, Winterstein, & Page, 2005; Hughes, 1980). Pode-se também

afirmar no estudo de Emerson (2000) que os espetadores tendem a visualizar programas com os quais mais se identificam e que vejam refletidas as suas experiências e vivências. Podemos associar esta situação à chamada “teoria da cultura” que alega que pessoas que assistam televisão por longos períodos têm mais probabilidade de associar fatos televisivos à sua própria realidade. Existem dois processos que podem explicar essa realidade: “*mainstreaming*” que se refere à “conversão das percepções da realidade de uma pessoa e as percepções da televisão” O outro é designado por “ressonância” em que os espectadores acreditam que determinado programa de televisão esteja associado às suas próprias vidas.

Em suma, a televisão influencia a representação da sociedade através da sua forma de pensar, crenças e comportamento (Gerbner, Morgan, Gross, Signorielli & Shanahan, 2002)

1.2.1. Programação televisiva e as minorias

Colston (2013) afirma que a televisão é considerada como “fonte primária de informação.” Se as minorias não recebem reconhecimento e respeito na televisão e nos outros media, a sociedade também terá maior tendência em ignorar estes grupos. Acrescenta ainda que a representatividade de determinadas minorias através de personagens tem mudado de década para década com a emergência de novos grupos. Esta situação faz com que os investigadores estejam constantemente a estudar as mudanças da população no que diz respeito a raças, idade, sexualidade, comparando a realidade representada em contexto televisivo com a população dos E.U.A (Elasmar, Hasegawa, & Brain, 1999; Signorrelli & Bacue, 1999; Lauzen & Dozier, 2004).

Quando é abordado o assunto acerca da representação de determinados grupos na televisão é muito comum o uso de termos categóricos. Os grupos que apresentam uma baixa representatividade incluem asiáticos, habitantes de ilhas do Pacífico, americanos de origem africana, latinos e membros da comunidade LGBT. Estes grupos são frequentemente considerados como minorias. Por outro lado o termo “minorias” não descreve eficazmente outros grupos também menos representados tais como: mulheres, crianças ou pessoas idosas. Como solução a nível de classificação destas minorias, os investigadores usam o termo “subordinado” quando analisam as personagens na televisão. Grupos subordinados são definidos através de categorias relacionadas com a sua identidade, diferenciando-se de forma social de uma identidade dominante (Mittell, 2010). Os grupos subordinados são os seguintes:

- a) Latinos/Hispanicos – a língua falada é o espanhol e são habitantes dos E.U.A (Zimmerman, et al., 1994);
- b) Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais (LGBT) – indivíduos que se identificam

desse modo (Gates, 2011);

c) Asiáticos e habitantes das ilhas do Pacífico – indivíduos que têm ascendência asiática ou de habitantes das Ilhas do Pacífico (Asian Nation, n.d);

d) Pessoas com incapacidades - restrição no envolvimento em situações/ papéis de vida ou limitação na execução de atividades comuns (OMS, 2001, 2007);

e) Nativos americanos – indianos americanos e nativos do Alaska; que têm origens na América do Norte e Sul (incluindo América Central) e que mantém uma afiliação tribal ou ligação a uma comunidade (United States Census Bureau, s/d);

f) Indivíduos considerados obesos - variações de peso que são elevadas ao que é considerado geralmente saudável para a altura de um determinado indivíduo (Defining Overweight and Obesity, s/d).

Países como a Austrália apresenta - a nível de minorias étnicas - uma percentagem de representação significativamente baixa comparativamente à sua população. A nível de castings existe por parte dos produtores: um maior interesse no talento, capacidades, sucesso por partes dos atores. Ocorrem bastantes restrições no tipo de papel que os atores obtêm, assim como as suas origens, pois estes últimos são na sua maioria caucasiana e interpretam personagens com origens diferentes das suas. Deste modo as histórias que são escritas não mostram grande variedade quanto ao tipo de personagens devido à falta de liberdade de escrita, o receio da novidade e falta de pesquisas e consultação. Lorna Munro (s/d), comenta que: “a política ‘multiculturalista’ é uma retórica que se usa para a Austrália não ser percebida como a nação racista que é”. Calcula-se que o número de minorias presentes, assim como comunidades que são marginalizadas demonstram uma grande discrepância no que diz respeito à sua representatividade a nível televisivo, comparativamente à população real. Essas minorias provêm nomeadamente da Ásia; África; Meio Oriente. Outro grupo também minoritário refere-se a pessoas com incapacidades.

Clark (1972) propõe um modelo que classifica em 4 situações, o modo como as minorias são tratadas: a) “Não representação”: uma determinada minoria é inexistente. O termo simbólico “aniquilação” foi criado pelos investigadores Gerbner e Gross (1976) para determinar a inexistência do grupo em si;

b) “Ridículo”: uma minoria é humilhada ou é alvo de comentários depreciativos. Embora represente uma melhoria em relação ao primeiro estágio, aqui as personagens que pertencem aos grupos dominantes usam o “ridículo” para desumanizar aqueles que não pertencem a essa

categoria. Uma determinada personagem que pertença ao grupo dominante estabelece o controlo ou obtém vantagem relativamente às “personagens não dominantes”;

- c) “Regulação”: determinadas personagens interpretam o mesmo tipo de papéis que os grupos dominantes, nomeadamente aqueles que possuem uma componente reguladora: polícias, soldados, professores, oficiais administrativos;
- d) “Respeito”: as minorias são tratadas de forma igual, tal como os grupos dominantes. Neste último estágio, o grupo subordinante já não é mais tratado e encarado de forma diferente relativamente ao grupo dominante.

No estudo de Cumberbatch, Maguire, Lyne e Gauntlett (2014) é revelado que as pessoas com incapacidade são representadas por uma amostra de 2.5% da população televisiva. A maioria são do género feminino e as incapacidades estão mais associadas a “doenças mentais” e “incapacidades sensoriais”. Ocorre um grande destaque desta minoria no género “Drama” e um status de incapacidade “incidental” a nível de papéis televisivos. Algumas das personagens com maior fama nestes grupos subordinados são encontrados no canal da Fox nas séries televisivas Glee e House. As personagens Artie Abrams (Glee) e Dr. Gregory House (House) são as personagens com incapacidades mais conhecidas no horário nobre televisivo. Na realidade, os atores que interpretam estas personagens não possuem incapacidades.

2. INCAPACIDADE NOS MEDIA

Para a inclusão de pessoas com incapacidades na sociedade é fundamental que as atitudes sejam “normalizadas” e este é um processo que - como destaca Dyson (2005) - deve iniciar-se logo na infância. Segundo Liebert (1975) as crianças aprendem a estabelecer atitudes e comportamentos através da aprendizagem observacional e do modelo múltiplo. A aprendizagem observacional desenvolve-se através de três estágios: exposição, aquisição, e aceitação de um determinado comportamento. O modelo múltiplo ocorre quando padrões consistentes do comportamento estão presentes e o observador incorpora o comportamento. Estes dois processos influenciam diretamente as três componentes das atitudes enunciadas por Liebert (1975): (a) Componente cognitiva- relaciona-se com as crenças adquiridas através da informação transmitida a um determinado indivíduo; (b) Componente afetiva- baseia-se nas reações a nível emocional, incitadas por um estímulo apresentado; (c) Componente comportamental- o comportamento do indivíduo não coincide com as suas crenças pois estas últimas não se associam às emoções.

Segundo um artigo de Bond (2013) relativamente às incapacidades físicas refere que as crianças desde muito jovens conseguem detetar e distinguir incapacidades físicas e percecioná-las como um impedimento na vida de alguém (Favazza & Odom, 1997). Se as atitudes perante as incapacidades físicas afetam a saúde emocional das crianças que experienciam essas diferenças, é imperativo compreender o desenvolvimento de atitudes perante “incapacidades”. Acresce a evidência de que as crianças que desenvolverem atitudes positivas perante indivíduos com incapacidades têm mais probabilidade em permanecê-las até à idade adulta de forma plausível, normalizando a perceção da sociedade (Groce, 2005).

A televisão constitui uma possível contribuição na socialização – especificamente o desenvolvimento das atitudes das crianças perante indivíduos diferentes (Van Evra, 2004). Este media proporciona às crianças “ uma janela do mundo”, de forma a terem acesso a informação cultural além do que lhes é transmitido através família, cuidadores ou vizinhança (Asamen, 1993). Potter (1978) afirma que a televisão é um meio influente no desenvolvimento de atitudes e comportamentos face à incapacidade. Conforme é reiterado pelo mesmo autor, determinados conteúdos, tais como os filmes, por vezes criam barreiras atitudinais tais como: criação de estereótipos e a focalização na incapacidade em si ao invés das habilidades ou competências do indivíduo. A televisão tem o poder de alterar as perceções das pessoas face a temas perante os quais não estão familiarizadas (Davis, 2006). Os estereótipos perante as pessoas com incapacidades baseavam-se em superstições, mitos, crenças. Estes fatores são inerentes à nossa cultura e persistem devido à reprodução constante por parte dos media. Relativamente

aos mitos/superstições, acreditava-se que pessoas que tivessem incapacidades possuíam algo sinistro e diabólico; que uma determinada incapacidade estava somente associado a doenças, sofrimento. A nível de crenças considerava-se que quem tivesse incapacidades não seria digno de confiança e representava perigo (especialmente para crianças) e portanto não deveria expor-se à sociedade. Todo e qualquer obstáculo presente na vida de pessoas com incapacidades deveria ser ultrapassado, no entanto todas as conquistas, objetivos de vida dependiam de atos de bondade de outros. É relevante salientar atos de rejeição, violência, humilhação por parte da sociedade, por exemplo: um bebé que nascesse com incapacidades era abandonado pelos progenitores e apresentava poucas probabilidades de ser adotado; atos violentos eram cometidos; pessoas com incapacidades eram "alvo" de gozo em "freak shows" nos circos (ex: John Merrick), nomeadamente na América (Barnes, 1992)).

As primeiras abordagens feitas acerca do tema "incapacidades" em filmes/programas ficcionais, provocavam sentimentos bastante negativos no espetador, pois personagens que apresentassem incapacidades numa determinada narrativa eram estereotipadas como pessoas "dependentes", indefesas, vítimas de violência (Barnes, 1992).

Personagens que apresentassem estas características eram responsáveis pela criação de um ambiente de ameaça, mistério e de privação num determinado enredo. O género "Horror" por exemplo, pode-se destacar nesta situação pois inúmeros filmes (nomeadamente aqueles onde surgiam monstros) mostravam determinadas características associadas às incapacidades que nem sempre eram realistas (Norden, 1994; Bogdan, Biklen, Shapiro, & Spelkoman, 1982). Mais de metade das personagens com incapacidades tinham um final trágico (ex: mortas por polícias pois (supostamente) possuíam um perigo para a sociedade; suicídio) (Barnes, 1992). Outra situação frequente era o retratar estas personagens como pessoas sexualmente inativas e normalmente tinham como consequência serem vítimas de adultério (Barnes, 1992). Outro género também muito usado era a "Comédia". Alguns comediantes tiveram o sucesso na sua carreira por usarem o tema "incapacidades" no seu humor (ex: Harpo Marx; estrelas de rádio tais como: Al Read e Hilda Baker; séries do "Monty Phynon" (Barnes,1992). Nos programas factuais a abordagem acerca das incapacidades também não era muito positiva. Nos noticiários por exemplo: pessoas com incapacidades surgiam com frequência em contextos de saúde pois apareciam na maior parte das vezes em hospitais. Um outro fator nesses programas era o uso de linguagem ofensiva e o comprometimento dos direitos humanos. Os documentários Marat/Sade (2001) e Titicut Follies (1967) retratam estes aspetos mencionados.

"Marat/Sade (2001) " simboliza os direitos humanos como "resposta às incapacidades psicossociais". A performance executada pelos internos da clínica de Charenton pode ser considerada uma "crítica aos direitos económicos e sociais que afetam a saúde e os serviços de reabilitação para aqueles que têm incapacidades " (Peter Lucas, 2011, p.181-185)

Durante os anos 80 a campanha ligada à igualdade de direitos para pessoas com incapacidades intensificou as preocupações e críticas relativas à sub-representação cultural de pessoas com incapacidade. Tornou-se, pois, imperativo que os mass media, ao retratarem o tema “incapacidades” o fizessem de uma forma refletida nomeadamente a nível do uso da linguagem e de determinadas terminologias. A questão que se coloca ainda hoje é como introduzir / abordar o tema nos meios comunicação. A esse respeito foi apresentada por Hurtado & Silva (2008) uma análise crítica de um episódio da série televisiva Little Bill intitulado “ A Ramp for Monty”, que tem como objetivo em primeiro lugar: repensar como uma criança que não tem incapacidades se deve relacionar com uma que apresente incapacidade física. Várias questões se levantam: (i) “A incapacidade em si deve ser ignorada?”; (ii) “Perante um obstáculo a criança que não tem incapacidades deve sentir pena, reforçando uma perspetiva paternalista perante aqueles menos afortunados?”; (iii) “Deve a narrativa centrar-se e elevar a transformação moral da criança sem incapacidade no processo de aceitação daquela que tem incapacidade física – adotando esta uma posição secundária no filme? Considere-se então um exemplo – Little Bill - que segundo Hurtado & Silva (2008) se considera o multiculturalismo de um modo sério:

Inicialmente não nos é mostrado uma distinção entre as duas crianças pois não é relevante até ao ponto de ser introduzido um obstáculo (neste caso físico) e dessa forma, até que ponto a criança que não tem incapacidades tem igual responsabilidade em fazer com que o seu amigo se sinta confortável, demonstrando o verdadeiro significado de uma amizade. A perspetiva crítica de “Little Bill” é particularmente efetiva pois nunca alega especificamente que o objetivo da série é a reavaliação das identidades sociais estigmatizadas, evitando aos espetadores uma sobrecarga inerente à seriedade desses assuntos. Em vez disso, o mecanismo omnipresente de um retrato crítico é simplesmente um mundo caracterizado por indivíduos que se tratam uns aos outros tal como são; ao mesmo tempo que as verdadeiras diferenças representadas através das identidades sociais destes últimos não são ignoradas ou distorcidas para corresponderem a um “mundo perfeito” não existente. Os aspetos positivos da linguagem (expressões de pessoas de cor, por exemplo ou frases e palavras provenientes de outras culturas como o caso da cultura Yiddish) são destacadas, assim como a possibilidade de amizades acima das diferenças, incluindo idade, género, etnias e raças. O facto da personagem “Monty” se encontrar numa cadeira de rodas não é um obstáculo à amizade entre ele e o seu amigo. Em vez disso foca-se a alegria que estes dois amigos demonstram ao longo das suas brincadeiras: a alegria em explorar livros, a imaginação que eles revelam quando “brincam aos dinossauros” e a afeição e afirmação que eles recebem por parte dos adultos. A limitação física que Monty apresenta é usada para “ilustrar” como esta situação pode ser superada com sensibilidade num percurso normal ao ser-se um bom amigo. O estado de saúde em que Monty se encontra não é objetivado para demonstrar a importância da personagem principal, a

consciência elevada ou paternalista na preocupação perante alguém “menos afortunado” que a pessoa em si. Monty é amigo de Little Bill, como tal é tratado com dignidade e respeito.

PARTE B - ESTUDO EMPÍRICO

1. MÉTODO

Para responder às questões de investigação, adotou-se uma estratégia de investigação predominantemente qualitativa, concretizada através de uma análise fílmica factual e interpretativa.

1.1.AMOSTRA

Para este estudo foram selecionados filmes que na última década incluíssem na sua representação: personagens com deficiência e incapacidade. A seleção foi feita através de pesquisa nas bases: Imdb (www.imdb.com) e Mubi (<https://mubi.com>). Para uma primeira triagem de filmes que abordavam ou incluíam situações de incapacidade, dentro das bases foram procurados resumos que incluíssem a palavra “disability”. Assim, inicialmente foram selecionados 72 filmes, dos quais 25 foram excluídos por não se enquadrarem nos critérios de inclusão que versavam: a integração no elenco de personagens com deficiência e incapacidade, excluindo condições de saúde que não se reportavam a limitações prolongadas na funcionalidade e condições de saúde enquadráveis no domínio da psiquiatria. Exemplo dos filmes excluídos foram aqueles que abordavam situações oncológicas; de obesidade e condições psiquiátricas como o narcisismo, a esquizofrenia ou outros. Do total de 47 filmes que cumpriam os critérios para análise, ainda foram excluídos 28 por não ter sido possível – no tempo de elaboração da tese – aceder à sua rodagem. Assim, foram considerados um total de 19 filmes para análise, que incluíam um amplo leque de condições como: autismo, alzheimer; paraplegia; epilepsia; Síndrome de Down; entre outros. Foram analisados um total de 21h e 31min de filme.

1.2.INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

Para fins de análise fílmica foi construída uma grelha de observação (anexo 2), composta por três dimensões. Uma primeira demográfica, compreendendo 10 indicadores: (i) Dados

fílmicos (título; realizador; ano; país de origem; tipologia de filme); (ii) Tipo de personagem (principal; secundária; background; figurante); (iii) Tipo de incapacidade (categorizada como intelectual, motora, social/comunicacional, sensorial e complexa – quando reunia simultaneamente mais do que uma limitação, por exemplo limitações motoras e intelectuais); (iv) Idade/faixa etária; (v) Classe socioeconómica (considerando classe baixa quando se tratavam de personagens desempregadas, que viviam em condições precárias, dependentes de subsídios governamentais; classe média - personagens com autossuficiência económica, com condições satisfatórias; e classe alta - personagens com estatuto económico e social superior, usufruindo de propriedades a viagens, restaurantes, “hobbies” dispendiosos); (vi) Estado civil (i.e., casado; solteiro; divorciado; viúvo).

Numa segunda secção do guião registaram-se: (i) Contextos de participação da personagem com incapacidade (familiar; social- comunitário e clínico) (ii) Papeis de vida desempenhados pelas personagens (mãe ou pai; filho(a); amigo(a); estudante); (iii) domínios de participação e atividade representados (e.g., educação, vida laboral, vida doméstica, recreação e lazer), bem como (iv) Fatores Ambientais (a presença de apoio como produtos e tecnologias, apoio humano, aspetos atitudinais e ou serviços intervenientes). Estes últimos dois indicadores – referentes à participação e atividade, bem como, fatores ambientais representados – foram analisados tendo por referência o sistema de categorização da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (OMS, 2001, 2007). Consideraram-se então como domínios de participação e atividade: d1 - aprendizagem e aplicação do conhecimento (envolvimento da personagem em atividades de escrita, leitura, resolução de problemas...); d2 - execução de tarefas e exigências gerais (iniciação/ conclusão de tarefas...); d3 - comunicação (envolvimento em conversação/ discussão; troca de mensagens); d4 – deslocação (mover-se dentro/fora de casa, uso de transportes públicos...); d5 – autocuidados (representação de situações de cuidado com o próprio como higiene pessoal, cuidado com a saúde...); d6 - vida doméstica (execução de afazeres de casa como preparar refeições, arrumação, compras...); d7 – interações interpessoais (estabelecimento de relações de amizade, íntimas...); d8 – principais áreas de vida (educação, trabalho...); d9 – vida cívica e social (envolvimento em atividades de lazer, religiosas, desporto...). Em relação aos fatores ambientais, os domínios considerados foram: e1 – produtos e tecnologias, sempre que nos filmes era representado um material que apoiasse a funcionalidade do sujeito (como por exemplo, dispositivos e mobilidade ou comunicação); e2 – ambiente natural (quando era reportado a influência de aspetos naturais – como luminosidade, ruído...- no indivíduo); e3 e e4 - apoio e atitudes (quando se fazia referência ao apoio emocional ou físico e / ou expectativas dos outros que influenciavam o modo de vida da personagem); e5 – serviços, políticas e sistemas (quando se retratavam serviços ou processos de apoio legais/instituídos numa determinada comunidade). Na identificação dos domínios ambientais diferenciou-se aqueles cuja representação tinha um teor positivo (facilitadores) – isto é que ajudavam de algum modo o indivíduo; e aqueles com teor negativo (barreiras) – isto é, prejudicavam de algum modo a personagem.

Numa terceira parte da grelha, fez-se sobretudo uma análise interpretativa em torno dos seguintes indicadores: (i) De que forma as personagens encaram as suas incapacidades (ao nível de aspetos como a autoestima e a resiliência) (ii) Que habilidades/atributos as

personagens demonstram (tendo-se encontrado categorias como “boa/má pessoa”; “satisfeito com a vida”; “ressentimento com a incapacidade”); (iii) Comportamentos/ atitudes positivas e negativas por parte dos outros em relação às incapacidades (com categorias como naturalidade; apoio; indiferença; inferioridade, discriminação); (iv) Se as personagens apresentam algum estereótipo/superstição ou mito/ crença por parte daqueles que as rodeiam (adjetivadas em categorias como “aleijada (s)”; um “incómodo”; incapacitada(s) na integração na vida comunitária/superstição ou mito (ex: possui(em) algo sinistro e diabólico)/ crença (ex: representa(m) perigo; é/são indefesa(s) por parte daqueles que a(s) rodeia(m)); (v) Qual a relevância do status de incapacidade das personagens na narrativa apresentada. Para este ultimo indicador consideraram-se as categorias propostas no modelo de Clark (1972): central (assunto dominante); relevante (alguma importância pois outros assuntos são também abordados); incidental (não é um assunto fulcral). Para a construção desta dimensão interpretativa, socorremo-nos ainda de outros estudos como é o caso do artigo de Barnes (1992) que analisa precisamente as variáveis enunciadas nomeadamente: comportamentos/atitudes; estereótipos em relação às incapacidades.

1.3. ANÁLISE DE DADOS

Para assegurar a fiabilidade da análise, o sistema de codificação factual e interpretativo proposto foi usado independentemente por um segundo investigador em relação ao filme “O Discurso do Rei” e “Lion”. A codificação foi então comparada entre o autor da tese e o segundo codificador, obtendo-se um acordo de 70% do total de registos. As discordâncias foram discutidas entre investigadores de modo a chegar a um consenso relativo ao processo de registo e codificação da informação.

Após visualização dos filmes e do preenchimento de cada componente da grelha de observação, efetuou-se uma análise percentual – procurando caracterizar os dados obtidos.

1.4. PROCEDIMENTOS

Para a realização do estudo foi primeiramente executada a pesquisa e seleção de filmes elegíveis para a análise. Depois de selecionados, para a sua visualização recorreu-se predominantemente aos canais televisivos: TV Cines, Holywood, AXN, Fox Movies. Recorreu-se também às funcionalidades de gravação oferecidas pelas operadoras nacionais, de modo a repetir a visualização dos filmes assim como a aquisição destes últimos através da base amazon (www.amazon.com). Cada filme foi visto em média 2 vezes a fim de proceder ao

preenchimento das grelhas de observação. Os registos foram depois agregados em tabelas de resumo que serviram de base às análises que a seguir apresentamos.

2. RESULTADOS

Com base nos dados obtidos através da grelha de observação, faremos apresentação dos resultados em torno de 3 dimensões: (i) aspetos demográficos sobre as personagens representadas nos filmes; (ii) contextos, atividades e participação e fatores ambientais representados; e (iii) aspetos atitudinais e comportamentais da personagem com incapacidade e dos outros, bem como, a relevância da circunstância de incapacidade na narrativa do filme.

(i) Caracterização demográfica das personagens representadas

Dos filmes analisados a maioria correspondia ao género drama em que este surge em primeiro lugar com outros géneros fílmicos em 68.4%. Segue-se então depois o género drama com 21.1%. Os restantes géneros: documentário; fantasia/ficção científica apresentam somente uma percentagem de 5.3%. Nos filmes analisados foram retratadas um total de 30 pessoas com deficiência e incapacidade: 53.4% dos filmes reportam-se à incapacidade através de um papel principal, 13.3% papel secundário, 30% background e 3.3% figurante.

No que diz respeito ao tipo de incapacidade, são mais representadas aquelas que incluem situações predominantemente complexas em 46.7% dos filmes, com personagens que apresentavam simultaneidade de limitações físicas, cognitivas e/ou sensoriais. Seguem-se as incapacidades motoras em 30% dos filmes. Constata-se ainda incapacidades a nível intelectual (10%); sensorial (10%) e social/comportamental (3,3%)

Quanto à faixa etária podemos afirmar a maioria das personagens representadas se situam acima dos 30 anos, nomeadamente entre: 30-40 (40%). No que concerne à classe social das personagens, em 66.7% dos filmes as personagens pertencem à classe média, seguindo-se 19% com classe alta e 9.5% com classe baixa. Ainda existe uma percentagem de 5% dos filmes em que as personagens mudam de estatuto social ao longo da narrativa (exemplo disso é o filme “Poder da Esperança” em que a personagem Richard muda o seu estado civil durante a narrativa: solteiro--casado-divorciado). Em relação ao estado civil, em 72% dos filmes as personagens apresentam o estado civil “solteiro”, seguindo-se o “casado” com 20%. Ainda surge “mudança de estado civil” (isto é uma determinada personagem demonstra ao longo da história mais que um estado civil (ex: solteiro/casado; casado/divorciado) com uma percentagem de 8.3%, finalizando com “divorciado” em 4.2% dos filmes.

Tabela 1. Tipos de personagem, incapacidades & diagnósticos médicos, faixas etárias, classes sociais e estados civis registados durante a visualização dos filmes.

Filme	Tipo de personagem	Incapacidade & Diagnóstico médico	Faixa etária	Classe social e estado civil
Discurso do Rei, 2010 (Drama)	Principal	Incapacidade comunicacional - Gaguez -	40-50	Alta/Casado
	Background	Incapacidade não definível (com base neurológica)		
O Poder da Esperança, 2007 (Drama)	Principal	Incapacidade sensorial (auditiva)	30-40	Média/Solteiro-Casado- -divorciado
	Secundária	Incapacidade complexa- Esclerose - Múltipla	30-40	Média/Solteiro
	Background	Incapacidade motora	30-40	
127 Horas, 2010 (Drama/Thriller)	Principal	Incapacidade motora- amputação membro superior	25-30	Média/Solteiro

A Família Bélier, 2010 (Drama/Música)	Secundárias	Incapacidade sensorial (auditiva) e social/comunicacional-surdez e mutismo	40-50	Média/Casados
			10-15	Média/Solteiro
Amigos Improváveis, 2011 (Drama/Comédia Dramática)	Principal	Incapacidade motora - tetraparasia	55-60	Alta/Solteiro
As Sessões, 2012 (Cinema independente/Drama)	Principal	Incapacidade motora (poliomielite)	49	Média/Solteiro
Avatar, 2009 (Fantasia/Filme de ficção científica)	Principal	Incapacidade motora- paraplegia	30- 35	Alta/Solteiro
Babel, 2006 (Drama/Thriller)	Principal	Incapacidade sensorial (auditiva) - -surdez	35-40	Média/Casada
Blind, 2014 (Drama/Thriller)	Principal	Incapacidade sensorial (visual) - -cegueira	35-40	Média/Casada

Soul Surfer-Coragem de Viver (Drama/Filme de desporto)	Principal	Incapacidade motora-amputação do membro superior	15-20	Média/Solteira
Lion, 2016 (Drama)	Background Figurante	Incapacidade complexa – autismo	5-6/ 20-25 5-6	Mudança de classe social/Solteiro
O Escafandro e a Borboleta, 2007 (Drama/Filme biográfico)	Principal	Incapacidade motora- Síndrome Locked-In	43	Alta/Divorciado
O Jogo da Imitação, 2014 (Drama/Thriller)	Principal	Incapacidade social/comunicacional-Síndrome de Asperger	45-50	Média/ Solteiro
O Nome dela é Sabine, 2007 (Documentário)	Principal Background (2)	Incapacidade complexa - autismo Incapacidade motora Incapacidade complexa	30-40 30-40 30-40	Solteiro Solteiro Solteiro
O meu nome é Alice, 2014 (Drama)	Principal	Incapacidade intelectual/cognitiva- -Alzheimer	50	Média/ Casada

Preciosa-Uma História de Esperança, 2009 (Drama/Cinema Independente)	Principal	Incapacidade intelectual/aprendizagem- atraso global de desenvolvimento	16	Baixa/Solteira
	Background	Incapacidade complexa – Síndrome de Down	0-5	Baixa
Taar Zameen Par (Como Estrelas na Terra), 2007 (Drama;Drama Musical)	Principal	Incapacidade intelectual-dislexia	8-9	Média
	Background	Incapacidade motora		
Teoria de Tudo, 2012 (Drama; Romance)	Principal	Incapacidade complexa- esclerose múltipla	20-25	Média/Solteiro-Casado
Yo también, 2009 (Drama/Co-média)	Principal		34	Média/Solteiro
	Background (2)	Incapacidade complexa- Síndrome - - de Down	20-30	Solteiros

ii) Contextos, atividades e participação e fatores ambientais representados

Conforme podemos sumariar na tabela 2, em 95% dos filmes as personagens com incapacidades são filmadas em contexto familiar e social-comunitário. Alguns (60%) também incluem participação em contexto laboral. Finaliza-se com o contexto clínico com 55%.

Relativamente aos domínios de Atividade e Participação: em todos os filmes as personagens executam ações associadas à “Aprendizagem e aplicação do conhecimento (d1)”; “Comunicação (d3)” e “Mobilidade (d4)”. Destacam-se de seguida “Interações e relacionamentos interpessoais (d7)” com 95%; “Tarefas e exigências gerais (d2)” e “Auto cuidados (d5)” com 75% e “Áreas principais da vida (d8)” com 70%. Relativamente aos restantes capítulos, atividades ligadas à “Vida comunitária, social e cívica (d9)” surgem em 55% dos filmes. Resta o capítulo “Vida Doméstica” com 30%.

Em cada domínio, destacamos a tipologia de atividade e participação registada:

- na “Aprendizagem e aplicação do conhecimento(d1): experiências sensoriais intencionais (d110-d129); aplicação do conhecimento (d160-d179)

- nas “Tarefas e exigências gerais (d2)”, as personagens efetuam ações associadas à realização da sua rotina diária (d230); lidar com o stresse e outras exigências psicológicas (d240) nomeadamente associadas à sua incapacidade.

- na “Comunicação” em que as personagens efetuam ações relacionadas com comunicação e produção de mensagens((verbais e não verbais) d330-d349; conversação e utilização de dispositivos e de técnicas de comunicação(d350-d369).

- na “Mobilidade” a maior parte das ações por parte das personagens associam- -se mais precisamente ao “mudar e manter a posição do corpo (d410-d429)” ao “transportar, mover e manusear objetos (d430-d449)” e ao “andar e deslocar-se (d450-d469)”.

- nos “Auto cuidados” as personagens efetuam ações relacionadas com o consumo de alimentos (d550;d560); efetuar a sua higiene pessoal (d510; d520) e controle da sua própria saúde (d570).

- nas “Interações e relacionamentos interpessoais (d7)” visualiza-se as personagens a criarem interações com familiares; amigos; conhecidos e pessoas de estatuto superior e outros profissionais (assistentes sociais) e a iniciarem relacionamentos mais íntimos.

- em relação a atividades relacionadas com “ Áreas principais da vida (d8) ” são visualizadas ações relacionadas com educação (d810-d839) e questões laborais (d840-d859).

No que se refere ao domínio “Fatores Ambientais” pode-se afirmar que nos filmes analisados são predominantemente retratados facilitadores (em 78% dos filmes); comparativamente às barreiras em que surgem representadas apenas em 46% dos filmes. A nível dos facilitadores as personagens alegam com grande destaque “Atitudes” em 30.6% dos filmes seguindo-se “Apoio e relacionamentos” com 29%. Facilitadores associados a “Produtos e tecnologia” surgem em 24.1% dos filmes e facilitadores associados a “Serviços, sistemas e políticas” apresentam percentagem 8.1%. No que respeita às barreiras, há em 46% dos filmes uma maior visibilidade relativamente às “Atitudes” seguindo-se “Apoio e relacionamentos” em 37.8%. “Produtos e tecnologia” e “Serviços, sistemas e políticas” apresentam uma igualdade percentual de 8.1%.

De um modo mais detalhado, podemos dizer que quanto aos “Apoio e relacionamentos (e3) ” e “Atitudes (e4) ” eles emergem ligados aos familiares mais próximos; amigos; pessoas em posição de autoridade e profissionais de saúde e outros profissionais tais como: assistentes sociais. Quanto aos “Produtos e tecnologia (e1) ” registou-se produtos ou substâncias para consumo pessoal (e110); dispositivos de mobilidade e o transporte pessoal em espaços interiores e exteriores (e110); dispositivos de comunicação (e125) e produtos e tecnologias para a prática religiosa e vida espiritual (e145).

Tabela 2. Contextos de vida, e indicadores (tendo por referência a taxonomia da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde a observação) registados durante a visualização dos filmes.

Filme	Contextos	Atividades e Prticipação (d)	Fatores Ambientais (e) (Facilitadores)	Fatores Ambientais (e) (Barreiras)
Discurso do Rei, 2010 (Drama)	Familiar, social-comunitário, laboral e clínico	d1, d2, d3, d4, d7, d8	e1, e3, e4, e5	e3 ; e4
O Poder da Esperança, 2007 (Drama)	Familiar, clínico, comunitário e laboral	d1, d2, d3, d4, d5, d6,d7	e1, e3,e4, e5	e2; e3; e4
127 Horas, 2010 (Drama/Thriller)	Familiar e laboral	d1 , d2, d3, d4, d5	e1, e4	e2 ;(Thriller)
A Família Bélier,2010 (Drama/Música)	Familiar, social-comunitário, laboral, clínico	d1 , d2, d3, d4, d5, d6, d7,d8	e3, e4, e5	
Amigos Improváveis,2011 (Drama/Comédia Dramática)	Familiar, social-comunitário, laboral, clínico (ma/Comédia Dramática)	d1, d2, d3, d4, d5	e1, e4	e2
As Sessões, 2012 (Cinema independente/Drama)	Familiar, social-comunitário, laboral e clínico	d1, d2, d3, d4, d5, d7,d8,	e1, e3, e4, e5	e3, e4

Avatar, 2009 (Fantasia/Filme de ficção científica)	Familiar, social-comunitário e laboral	Avatar, 2009 d1, d2, d3, d4, d5, d7, d8, d9 (Fantasia/Filme de ficção científica)	e1, e3, e4	e3, e4
Babel, 2006 (Drama/Thriller)	Familiar, social-comunitário, laboral e clínico	d1, d2, d3, d4, d5, d7, d8, d9	Babel, 2006 e3, e4	Babel, 2006 e3, e4
Blind, 2014 (Drama/Thriller)	Familiar e social-comunitário	d1, d2, d3, d4, d5, d7, d9	e3, e4	
Soul Surfer- Coragem de Viver (Drama/Filme de desporto)	Familiar, social-comunitário e clínico	d1, d2, d3, d4, d5, d7, d9	e3, e4	
Lion, 2016 (Drama)	Familiar, social-comunitário e laboral	d1, d3, d4, d6, d7	e3, e4	e3, e4, e5
O Escafandro e a Borboleta, 2007) (Drama/Filme biográfico)	Social-comunitário e clínico	d1, d3, d4, d5, d6, d7, d8	e1, e3, e4, e5	e4

O Jogo da Imitação, 2014 (Drama/Thriller)	Familiar, social-comunitário e laboral	d1, d2, d3, d4, d5, d7, d8	e1, e3, e4	e4
O nome dela é Sabine, 2007 (Documentário)	Familiar e social-comunitário	d1, d3, d4, d5, d7, d8, d9	e3, e4	e4, e5
O meu nome é Alice, 2014 (Drama)	Familiar, social-comunitário, laboral e clínico	d1, d3, d4, d5, d6, d7, d8, d9	e1, e3, e4	e3, e4
Preciosa-Uma His-tória de Esperança, 2009 (Drama/Cinema Independente)	Familiar e social-comunitário e clínico	d1, d2, d3, d4, d5, d6, d7, d8, d9	e1, e3, e4, e5	e1, e3, e4 independente
Taar Zameen Par (Como Estrelas na Terra), 2007 (Drama/Drama Musical)	Familiar e social-comunitário	d1, d2, d3, d4, d5, d7, d8, d9	e1, e3, e4, e5 Musical)	e3, e4, e5
Teoria de Tudo, 2012 (Drama/Romance)	Familiar, social-comunitário, laboral e clínico	d1, d2, d3, d4, d5, d7, d8, d9	e1, e3, e4, e5	e3, e4

Yo también, 2009 (Drama/Comédia)	Familiar, social-comunitário e laboral	d1,d2,d3,d4,d5, d7,d8,d9)	e1,e3,e4	e3,e4
-------------------------------------	-------------------------------------------	---------------------------	----------	-------

(iii) Análise interpretativa - aspetos atitudinais e comportamentais

Quanto ao modo como as personagens encaram a sua própria incapacidade, podemos referir que 68% dos filmes as personagens apresentavam baixa auto estima, registando-se situações de “insegurança”, “pessimismo”, “vulnerabilidade” e “vergonha”. Importa referir registos de “falta de confiança”, “revolta” e “desespero”. Exemplos paradigmáticos disso mesmo são: (i) o filme “Discurso do Rei”, onde a personagem George revela-se bastante receoso relativamente ao tipo de terapia a que é submetido para atenuar a sua incapacidade que compromete o seu cargo: rei, (ii) também, em “Amigos Improváveis” a personagem Philippe teme em revelar a sua incapacidade à mulher com quem troca cartas de amor; (iii) em “Blind” a personagem Ingrid sente que não é capaz de executar determinadas atividades o seu quotidiano; ou (iv) em “O Escafandro e a Borboleta” a personagem Jean- Do não se sente otimista na sua recuperação e assim acha que não vale a pena viver.

Em 32% dos filmes encontra-se um retrato de mais alta auto-estima, registando-se “aceitação” e “naturalidade” relativamente à sua incapacidade, bem como “determinação”; luta e persistência. Como exemplo, no filme “A Família Bélier” o casal Bélier não considera que a sua incapacidade seja um obstáculo para a concretização de tarefas do seu quotidiano, objetivos de vida como é o caso de Rodolphe que se quer candidatar a presidente da câmara.

Habilidades/atributos são representadas em 84.2 % dos filmes, as personagens apresentam com maior relevância os atributos: “altruísta (27.3%)”, “possuí bom feitio (18.2%)”, “alegre” e “sensível” (15.2%)”. Segue-se “culto” com 9.1% e um agrupamento percentual dos atributos: “perfeccionista” e “solidário” em 6.1% dos filmes. As personagens Bethany e Philippe dos filmes “Soul Surfer-Coragem de Viver” e “Amigos Improváveis” são exemplo disso mesmo. O enfoque em defeitos regista-se em 63.2% dos filmes, com adjetivações como “impulsivo”; “interesseiro”, “agressivo” e “egoísta”. É exemplo o filme “Jogo da Imitação” onde a personagem Alan por vezes revela-se bastante desagradável com os outros quando sente que os seus objetivos não são cumpridos.

Em relação a um ressentimento (mágoa) com a incapacidade, esta situação ocorre em 65% dos filmes. No filme “127h” a personagem Aaron culpa-se pelo o que lhe aconteceu uma vez que foi imprudente. No filme “Lion” a personagem Mantosh decide viver longe dos pais adotivos uma vez que acredita que lhes causa sofrimento, nomeadamente a mãe. No

filme “As Sessões” a personagem Mark sente que a sua incapacidade comprometeu o cotidiano dos seus pais.

No que diz respeito às atitudes por parte dos outros (família, amigos, conhecidos, sociedade) relativamente às incapacidades das personagens, pode-se constatar um ocorrer de atitudes positivas em 89.5%), onde se destaca o “apoio” e “naturalidade”. Surgem também as seguintes atitudes: “preocupação”, “compreensão” e “reforço”. No filme “Lion” o casal que adota Mantosh, ama-o incondicionalmente mesmo sabendo da sua incapacidade, daí aceitarem que num determinado momento o seu afastamento, o seu modo de vida quando se torna adulto. No filme “O meu nome é Alice” a filha mais nova de Alice abdica da sua vida pessoal e profissional para apoiar a mãe. É de salientar também a dedicação total de Jane no filme “Teoria de Tudo”.

As atitudes negativas - observadas em 94.5% dos filmes – são as atitudes que demonstram maior enfoque. Há relevância nas atitudes como “inferioridade”, “discriminação”, “distanciamento”; “agressividade” e “indiferença”. Registaram-se ainda atitudes como “pouca paciência”; “desprezo”; “humilhação”; “rejeição”, “não-aceitação”, “insensibilidade” e “egoísmo”. Como exemplo, no filme “Como Estrelas na Terra” a personagem Ishan, é alvo de discriminação por parte dos professores. No filme “Lion” o irmão de Mantosh revela-se agressivo devido ao sofrimento que ele causa na sua família. No filme “Precious, (Uma História de Esperança)” a mãe de Precious humilha--a, revelando que ela é inútil. No filme “Poder da Esperança”, quando Richard e Art vão tomar o pequeno-almoço a um café, a empregada que os atende afirma que eles estão a incomodar os clientes e insulta Art, referindo que ele não devia estar em contato com a sociedade.

A criação de estereótipos é representada em todos os filmes com ênfase na crença “incapacitado na integração na vida comunitária”, “incómodo”, “representa perigo” e “deficiente”. No filme “O Meu Nome é Alice”, o marido de Alice revela-se distante a partir do momento em que é revelada o estado de saúde de Alice. No filme “Lion” a personagem Mantosh é encarada nomeadamente pelo irmão como alguém que prejudica a relação com a sua família, mais concretamente a mãe).

Quanto ao status de incapacidade das personagens, verifica-se que estas últimas apresentam predominantemente um status “central” (assunto dominante) em 40% dos filmes, seguindo-se o “dominante” (alguma importância pois outros assuntos são também abordados) em 45% dos filmes. O status incidental (não é um assunto fulcral) só surge em 15% dos filmes.

DISCUSSÃO

Foram usadas três lentes de análise para examinar a produção cinematográfica da última década quanto à representação da deficiência e incapacidade, especificamente: as características funcionais e de participação retratadas nos filmes; os comportamentos e atitudes reveladas pelo próprio e pelos outros e a centralidade/ relevância deste tema na narrativa.

Importa iniciar a discussão referindo que quanto ao gênero de filmes e papel assumido por personagens que fizessem representar uma situação de deficiência ou incapacidade, se registou – nos filmes que compuseram a nossa amostra – uma predominância do gênero drama e do papel principal. No estudo de Cumberbatch, Maguire, Lyne e Gauntlett (2014) também indicavam este o gênero onde predominantemente eram retratadas situações de deficiência e incapacidade. Quanto à centralidade do papel, importa referir que o próprio critério de seleção dos filmes (onde se procurava o termo “*disability*” no resumo de apresentação) levaria à partida à assunção de alguma centralidade do assunto “*disability*” no filme e naturalmente à sua emergência em personagens também elas com centralidade. Talvez por essa razão na maior parte dos filmes analisados a situação de deficiência e incapacidade que a maior das personagens analisadas são centrais na narrativa e dessa forma apresentam na sua maioria o papel de protagonista.

Quanto às incapacidades mais frequentemente retratadas foram aquelas denominadas por complexas – representando limitações colocadas em mais do que um domínio (motor/intelectual/comunicacional...) na maior parte dos casos decorrente de quadros de autismo, síndrome de down e esclerose múltipla. As personagens que interpretavam a situação de deficiência e incapacidade tinham, em grande maioria, idades acima dos 30 anos e eram geralmente solteiras. Aliás, não obstante o estabelecimento de relacionamentos tenha sido um domínio de participação identificado na maior parte dos filmes (relações com familiares e amigos), as relações amorosas ou íntimas não surgem com tanta frequência embora seja tema emergente em parte dos filmes como é o caso do filme “As Sessões” e “Yo también”. Tal parece coincidir com o estudo de Barnes (1992) onde destacada que a representação de situações de deficiência e incapacidade se encontrava frequentemente desconectada da possibilidade de uma vida íntima e sexual. Também a vida cívica e social surge pouco representada nos filmes, sendo mais prevalente a aparição do seu envolvimento em atividades que se podem reconhecer como tendo uma natureza mais individual como é a aprendizagem e aplicação do conhecimento, a comunicação e a mobilidade (Bradley, 2008). Não obstante, importa referir uma emergência dos cenários comunitário e laboral como

contextos de participação para além do familiar Exemplos paradigmáticos disso mesmo são “O Escafandro e a Borboleta”; “As Sessões”; “A Teoria de Tudo”. Este dado parece sugerir a representação de uma realidade de maior inclusão social. Aliás, tal é reiterado na predominância de aspetos ambientais descritos como facilitadores assim como atitudes tendencialmente positivas por parte dos outros, nomeadamente: apoio; naturalidade; aceitação. Esta evidência opõe-se a estudos anteriores – referindo novamente Barnes (1992) em que se constatava uma reação da sociedade tendencialmente negativa e de estigmatização. Na nossa amostra, apenas um reduzido número de filmes mostra atitudes negativas e geralmente elas consistem em situações de distanciamento; desprezo; humilhação; rejeição nomeadamente por parte dos familiares das personagens.

Fazendo agora referência às atitudes e comportamentos do próprio em relação à deficiência e incapacidade a maioria dos filmes reporta situações de baixa autoestima. Nas análises filmicas os motivos dessa baixa auto estima devem-se ao fato de as personagens:

- a) Recearem que as suas incapacidades comprometam o seu quotidiano. No filme “Discurso do Rei” a personagem George VI teme que as terapias executadas com o seu terapeuta não sejam eficazes para melhorar a sua “gaguez” uma vez que compromete o ato de comunicar, algo fundamental para o seu cargo.
- b) Não gostarem que os outros que as rodeiam tratem-nas de forma diferente, devido à sua incapacidade como podemos verificar no filme “Amigos Improváveis” em que a personagem “Philippe” procura um cuidador que mostre naturalidade relativamente à sua incapacidade. Contrata Driss, que apesar de não possuir conhecimentos académicos/experiência em lidar com pessoas com incapacidades: demonstra bastante naturalidade ao encarar Philippe.
- c) Isolarem-se com medo de serem expostas como é o caso da personagem “Ingrid” no filme “Blind” quando é incentivada pelo marido a comparecer juntamente com ele num evento relacionado com a sua profissão.
- d) Sentirem-se incapazes de combater os obstáculos que as suas incapacidades lhes proporcionam chegando ao ponto de preferirem a sua própria morte. No filme “O Escafandro e a Borboleta” a personagem Jean-Do (que numa fase inicial se encontra em choque com o seu estado de saúde), “desabafa” com a sua ortofonista, proferindo a seguinte frase “ quero morrer”.

- e) Mostrarem revolta contra as limitações que lhe são impostas como é o caso de “Daniel” no filme “Yo también” face às dificuldades/barreiras no estabelecimento de relacionamentos amorosos.

A par da baixa autoestima, o ressentimento surge também na maior parte dos filmes, nomeadamente pelo fato das personagens:

- a) Sentirem-se culpadas pelo seu estado de saúde como é o caso da personagem Aron no filme 127h que se arrepende do acidente que lhe ocorreu
- b) Recearem que a sua incapacidade seja um obstáculo para criar relacionamentos (nomeadamente amorosos). No filme “Amigos Improváveis” a personagem Phillipe não quer dar entender da sua incapacidade à sua companheira, a qual escreve cartas amorosas.
- c) Sentirem-se inválidas consigo próprias. No filme “Blind” a personagem “Ingrid” acha que a sua incapacidade compromete o seu quotidiano; relação com o seu marido
- d) Temerem que a sua incapacidade afete o bem-estar dos outros. A personagem “Mantosh” procura um lugar para viver pois considera a sua incapacidade dificulta a sua relação com os seus familiares, nomeadamente a sua mãe.
- e) Acreditarem que os outros que as rodeiam (nomeadamente as pessoas mais chegadas) não se sintam confortáveis com a incapacidade que apresentam como é o caso, mais uma vez da personagem Jean-Do no filme “Escafandro e a Borboleta”
- f) Recearem que não irão viver durante muitos anos, como a personagem “Alice” no filme “O meu nome é Alice” que fica cada vez mais desesperada com o agravamento do seu estado de saúde.

Uma percentagem emergente de filmes mostra a situação contrária – isto é personagens que mostram que a deficiência não representa impedimento. É o caso da personagem “Rodolphe” no filme “A Família Bélier” dando conta da sua candidatura a presidente da Câmara. No que concerne às habilidades/atributos focadas nos filmes, em geral existe maior apresentação de qualidades do que defeitos, nomeadamente solidariedade uns com outros como é o caso da personagem Bethany do filme “Soul Surfer-Coragem de Viver que parte em para a Tailândia como voluntária, auxiliando as vítimas de um tsunami. Outro caso a referir é

a personagem Phillippe no filme “Amigos Improváveis” que mostra uma grande sensibilidade aos problemas familiares de Driss, chegando ao ponto de o liberar como seu cuidador pessoal para auxiliar a sua família.

CONCLUSÃO

Neste estudo fez-se a análise de filmes que abordavam situações de deficiência e incapacidade. Esse foi o critério de procura na sinopse dos filmes que se repercutiu naturalmente numa análise fílmica em que o tema deficiência e incapacidade assumia relevância central. A partir da análise de aspetos contextuais e de participação das personagens representadas, os resultados no nosso estudo parecem coadunar-se com indicadores de uma sociedade inclusiva como é a aparição destas personagens predominantemente em contextos social-comunitário, o envolvimento em situações de interação e em grandes áreas de vida como é a vida profissional. O retrato que se faz do contexto é predominantemente facilitador sobretudo no que se refere às atitudes e comportamentos de apoio manifestadas pelas restantes personagens. Não obstante tais indicadores, prevaleceu o registo de uma atitude do próprio face à incapacidade dominada por sentimentos de ressentimento, revolta e insegurança. Importa também ressaltar como ainda emergente uma representação que inclua a participação na vida cívica e social (como são atividades de recreação e lazer, deveres cívicos; e também relacionamentos íntimos) bem como o seu envolvimento na vida doméstica.

Neste estudo podemos alegar que o mecanismo de seleção dos filmes – por auscultação do resumo – fez com que a maioria dos filmes analisados tomassem a incapacidade como um aspeto central ou representada numa personagem significativa. Perderam-se, pois, possivelmente outros filmes em que a incapacidade é representada mas que não consta no resumo. Outros mecanismos de seleção dos filmes poderia ter expandido a amostra e enriquecido a análise. As dificuldades no acesso aos filmes durante o período de desenvolvimento deste estudo foi também um aspeto que limitou o número de filmes considerados na amostra. A continuidade deste estudo com o alargamento da amostra e com a sistematização e quantificação das variáveis que constituíram a análise interpretativa poderão tornar mais robustas as conclusões aqui apresentadas.

BIBLIOGRAFIA

- Adorno, T. W (1994). Televisão, consciências e indústria cultural. In: Theodor W. Adorno org. *Sociologia*. Org Gabriel Cohn. São Paulo. Ed. Ática. p. 346-354.
- Asamen, J. K. (1993). Epilogue: What children learn from television and how they learn it. In G. L. Berry&J. K. Asamen (Eds.), *Children and television: Images in a changing sociocultural world* (pp. 89–102). Newbury Par.
- Barnes, C. (1991) Disabled People in Britain and Discrimination: A Case For Anti-Discrimination. Legislation, London, C Hurst and Co. In Association with the British Council of Organisations of Disabled People, p.1-29.
- Bernardini, Gleice (2015). A Segunda Tela na TV Digital Brasileira: um estudo dos processos midiáticos interativos. 2015. 159 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/134190>
- Biklen, D., & Bogdan, R. (1977). Media portrayals of disabled people: A study in stereotypes. *Interracial Books for Children Bulletin*, 8, p. 4-9.
- Black, R., & Pretes, L. (2007). Victims and victors: Representation of physical disability on the silver screen. *Research and Practice of Persons with Severe Disabilities*, 32(1), p. 66-83.
- Bogdan, R., Biklen, D., Shapiro, A., & Spelkoman, D. (1982). *The disabled: Media's monster*. *Social Policy*, 13(2), p.32
- Bond, B. J. (2013). Physical Bond, B.J., 2013. Physical Disability on Children's Television Programming: A Content Analysis. *Early Education & Development*, 24(3), pp.408–418. Disponível em: www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10409289.2012.670871.

CBS (2013). RGIII: Americans “Held Hostage By the Tyranny of Political Correctness”.
Retirado de: www.washington.cbslocal.com.

Colston, C. E. (2013). Seeing the unseen: Underrepresented groups in prime-time television,
p. 1–39.

Cohen, J., & Weimann, G. (2000). Cultivation revisited: Some genres have some effects on
some viewers. *Communication Reports*, p. 99-114.

Convenção sobre a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais da UNESCO de
2005,pág 4.

Cumberbatch (2014), G., Maguire, A., Lyne, V., & Gauntlett, S. (2014). Diversity Portrayal
Portrait. Creative Diversity Network, p.1-50.

Cumberbatch, G., & Negrine, R. (1991). Images of disability on television. London, England:
Routledge..

Defining Overweight and Obesity. (n.d.) Disponível em:
<http://www.cdc.gov/obesity/adult/defining.html>

Davis, L. (2006). *The Disability Studies Reader*. 2nd Edition. Desperate.

Dillon, Carol; Byrd, Keith & Byrd, Dianne (1980). Television and Disability. *Journal of
Rehabilitation*, p.67-69.

Dyson, V. (2005). Kindergarten children’s understanding of and attitudes toward people with
disabilities. *Topics in Early Childhood Special Education*, 25, p.95–105.

Elasmar, M., Hasegawa, K., & Brain, M. (1999). The portrayal of women in U.S. prime time
television. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, p.20-34. Fairclough.

Elliot, Timothy R. & Byrd, E.Keith(1982). Media and Disability. *Rehabilitation Literature*, 43,
p. 348-353

- Favazza, P. C., & Odom, S. L. (1997). Promoting positive attitudes of kindergarten-age children toward people with disabilities. *Exceptional Children*, 63, p.405–419.
- Gates, G. J. (2011). How many people are lesbian, gay, bisexual, and transgender? Los Angeles: The Williams Institute.
- Gerbner, G., Morgan, M., Gross, L., Signorielli, N., & Shanahan, J. (2002). Growing up with television: Cultivation processes. In *Media Effects: Advances in theory and research*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, Inc.
- Groce, N. E. (2005). Summary report: Violence against disabled children. New York, NY: United Nation
- Giroux, H. A. (2003). Pedagogies of difference, race, and representation: Film as a site of translation and politics. In P. P. Tirfonas (Ed.), *Pedagogies of difference: Rethinking education for social change* (p. 83–109). New York: Routledge Falmer.
- Guzmán, Tracy Devine.(2016). Direitos indígenas e diversidade cultural: em busca de um diálogo transcontinental. *Observatório Itaú Cultural*,20. São Paulo: Itaú Cultural.
- Hammermeister, J., Brock, B., Winterstein, D., & Page, R. (2005). Life without TV? Cultivation theory and psychosocial health characteristics of television-free individuals and their television-viewing counterparts. *Health Communication*, p. 253-264.
- Heggen, A. H. (n.d.). The Role of Disability in Buffy the Vampire Slayer.
- Hughes, M. (1980). The fruits of cultivation analysis: A reexamination of some effects of television watching. *Public Opinion Quarterly*, 287-302
- Hurtado, A., & Silva, J. M. (2008). Creating new social identities in children through critical multicultural media: the case of Little Bill. *New Directions for Child and Adolescent Development*, (120), 17–30. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/cd.213>
- Jambeiro, Othon. A TV no Brasil do século XX. Salvador: 2002, EDUFBA.

Kornegger, M. (2013). Political Correctness Runs Amuck. Disponível em:
<http://www.macombdaily.com>

Levins, L. (2013). Dancing with myself: representations of disability within.

Liebert, R.M. Television and Attitudes toward the Handicaped. Albany, N.Y: New York State Education Department, 1975. (ERIC Document Reproduction Service No.EC 080677)

Lucas, P. (n.d.). The Open Door : Five Foundational Films That Seeded the Representation of Human Rights For Persons with Disabilities, p.181–199.

Mittell, J. (2010). Television and American Culture. New York: Oxford University Press.

Mostert, MP. (2002). Useless Eaters: Disability as Genocidal Marker in Nazi Germany. Disponível em: www.catholicculture.org.

Norden, M. F. (1994). *The cinema of isolation: A history of physical disability in the movies*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press.

Organização Mundial de Saúde. (2001;2007). Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde. Lisboa: Organização Mundial de Saúde.

Shachar, R., & Emerson, J. W. (2000). Cast Demographics, Unobserved Segments, and Heterogeneous Switching Costs in a Television. American Marketing Association, 173- 186.

Signorrelli, N., & Bacue, A. (1999). Recognition and Respect: A Content Analysis of Prime-Time Television Characters Across Three Decades. *Sex Roles*, 527-544

Shimp, Terence A. Propaganda e Promoção: aspectos complementares da comunicação integrada de marketing. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

Sifuentes, L.; Vilela, M. D.; Jeffman, T. M. O Dia em que a Internet Congelou: apropriações de avenida brasil nas mídias sociais. *Sessões do Imaginário*, Porto Alegre, v.17, n.

27, p. 11-21, out. 2012. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/12158>.

Van Evra, J. (2004). *Television and child development*. Mahwah, NJ: Erlbaum.

Wilson, B. J., Kunkel, D., Linz, D., Potter, J., Donnerstein, E., Smith, S. L., Blumenthal, E., & Gray, T. (1997). Violence in television programming overall. In J. Federman (Ed.), *National television violence study: Vol. 1* (pp. 3–268). Thousand Oaks, CA: Sage

ANEXOS

ANEXO 1

**Filmes pesquisados que abordam o tema “ Deficiência e incapacidade”
entre 2006- 2016**

Filmes pesquisados que abordam o tema “ Deficiência e incapacidade” entre 2006- 2016

Filme	Realizador	Ano	País	Tipo de incapacidade
Meu nome é Khan	Karan Johar	2010	Índia/E.U.A	Asperger
Princesa	Arto Halonen	2010	Finlândia	Atraso a nível desenvolvimento
Bolo de Neve	Marc Evans	2006	Canadá	Autismo
Adam	Max Mayer	2009	E.U.A	Asperger
Sei Que Vou Te Amar	Elissa Down	2008	E.U.A	Autismo/ TDAH
Ben X	Nic Balthazar	2007	Bélgica	Asperger

Yo, también	Antonio Naharro, Álvaro Pastor	2009	Espanha	Síndrome de Down
Anita	Marcos Carnevale	2009	Argentina	Síndrome de Down
O Escafandro e a Borboleta	Julian Schnabel	2007	França/ E.U.A	Paralisia cerebral
Vahan Kunniotusta	Pekka Karjalainen	2010	Finlândia	Atraso a nível desen- volvimental
O Discurso do rei	Tom Hooper	2010	E.U.A	Gaguez
O Poder da Esperança	Steven Sawalich	2007	E.U.A	Esclerose múltipla, paralisia cerebral
Extremamente Alto, Incrivelmente Perto	Stephen Daldry	2011	E.U.A	Asperger

Amigos Improváveis	Olivier Nakache, Éric Toledano	2011	França	Tetraparisia
Longe Dela	Sarah Polley	2006	Canadá	Alzheimer
Vincent will Meer	Ralf Huettner	2010	Alemanha	Síndrome de Tourette
Ex Drummer	Koen Mortier	2007	Bélgica	Limitações físicas
As Sessões	Ben Lewin	2012	E.U.A	Poliomielite
Different Drummers	Lyle Hatcher, Don Caron	2013	E.U.A	Distrofia muscular
Ferrugem e Osso	Jacques Audiard	2012	França/Bélgica	Amputação dos membros inferiores
A Teoria de Tudo	James Marsh	2012	Reino Unido	Esclerose múltipla

O Jogo da Imitação	Morten Tyldum	2014	Reino Unido/E.U.A	Asperger
Mamã	Andrés Muschietti	2013	Espanha/Canadá	AD/HD
Os Savages	Tamara Jenkins	2007	E.U.A	Alzheimer
Poesia	Chang-Dong Lee	2010	Coreia do Sul	Alzheimer, apoplexia
Autism. The Musical	Tricia Regan	2007	E.U.A	Autismo
O nome dela é Sabine	Sandrine Bonnaire	2007	França	Autismo
The magic of J- Mac		2009	E.U.A	Autismo
Temple Grandin	Mick Jackson	2010	E.U.A	Autismo
Babel	Alejandro González Iñárritu	2006	França/E.U.A/México	Incapacidades auditivas e mutismo

Preciosa- Uma história de Esperança	Lee Daniels	2009	E.U.A	Analfabetismo
Avatar	James Cameron	2009	E.U.A	Paraplegia
Blind	Eskil Vogt	2014	Alemanha	Cegueira
127 Horas	Danny Boyle	2010	E.U.A	Amputação de um membro superior
Soul Surfer- Coragem de viver	Sean McNamara	2011	E.U.A	Incapacidades mentais/físicas
Um Sonho Encantado	Tarsem Singh	2006	E.U.A	Perda de um membro superior
Abraços Partidos	Pedro Almodóvar	2009	Espanha	Cegueira
Mother- A Busca pela Verdade	Joon-Ho Bong	2009	Coreia do Sul	Atraso a nível do desenvolvimento

Besswax	Andrew Bujalski	2009	E.U.A	Paraplegia
O Abrigo	Jeff Nichols	2011	E.U.A	Cegueira
O Meu Nome é Alice	Richard Glatzer, Wash Westmoreland	2014	E.U.A	Alzheimer
A Família Bélier	Eric Lartigau	2014	França	Surdez e mutismo
Taare Zameen Par	Aamir Khan	2007	Índia	Dislexia

ANEXO 2

Grelha de observação

Grelha de observação

Análise factual

Titulo do Filme/ Realizador/ Ano / Pais de Origem/Tipologia de filme (Comédia; Drama; Musical)	
Tipo de personagem (s) (principal; secundária; background figurante)	
Tipo de incapacidade (mobilidade; comunicação; cognição) Diagnóstico médico (ex: paralisia cerebral, incapacidade intelectual)	
Idade (s) / faixa etária Classe socioeconómica (baixa; média; alta) Estado civil (casado; solteiro; divorciado...)	

<p>Contextos de vida que são mostrados no filme:</p> <p>a) Familiar: na sua própria casa/ na casa de familiares.</p> <p>b) Social-comunitário: rua/ parques/ centros comerciais</p> <p>c) Laboral: trabalho protegido/trabalho comum</p>	
<p>Que papel/papeis de vida é/são desempenhado(s) pela(s) personagem(s) (mãe ou pai/filho(a)/amigo(a) /estudante(...))?</p>	
<p>Que atividades se vê(m) a personagem(s) a desempenhar (“d” da CIF)?</p>	
<p>São documentadas barreiras e/ou facilitadores? Quais? (“e” da CIF)</p>	

Análise interpretativa

<p>De que forma a(s) personagem(s) encara(m) a(s) sua incapacidade(s) (quotidiano/autoestima/resiliência)?</p>	
<p>Que habilidades/atributos a(s) personagem(s) demonstra(m) (boa/má pessoa; satisfeito com a vida; ressentimento com a incapacidade?)</p>	
<p>Há demonstração de comportamentos/ atitudes positivas e negativas por parte dos outros em relação à incapacidade (naturalidade; apoio; indiferença; inferioridade, discriminação?)</p>	
<p>A(s) personagem(s) apresenta(m) algum estereótipo(ex: “aleijada(s)”; um “incómodo”; incapacitada(s) na integração na vida comunitária/superstição ou mito (ex: possui(em) algo sinistro e diabólico)/ crença (ex: representa(m) perigo; é/são indefesa(s) por parte daqueles que a(s) rodeia(m))</p>	

<p>Qual a relevância do status de incapacidade da(s) personagem(s) na narrativa apresentada (central(assunto dominante); relevante(alguma importância pois outros assuntos são também abordados); incidental(não é um assunto fulcral)?</p>	
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--